



## MATER DOLOROSA

Raul Victor Rodrigues do Nascimento\*

Desde há muito venho assistindo, compadecida e incapaz, as epopeias dos homens. Posso dizer que o mundo já não é o mesmo e os tempos, seguramente, também são outros. Imensas foram essas mudanças: venceram as distâncias, reinventaram o mundo e postergaram a hora da morte. Por que, então, ainda vejo tanto sofrimento? Muitos dos antigos males permanecem, perpétuos, e a tristeza de saber disso perpassa meu coração tal qual seta incandescente.

Há em mim uma ferida aberta. A ferida de uma mãe que presenciou o juízo e a condenação de seu filho. Incurável, incomoda e dolorosa, a escara assenta-se em meu peito, de onde despontou, vermelha e crua, no momento em que o vi ostentado em via pública, como se não fosse digno de compaixão. Como se não fosse humano. Os animais, ditos selvagens, seriam imensamente mais compassivos do que os algozes de meu filho.

Sou igual a tantas outras. Fui, e sou, mãe de um criminoso condenado. Sofri, como tantas outras sofreram, pois fui marcada pelas agruras de ter parido um inimigo da lei. Senti em minha própria pele as consequências das ações de meu filho (como tantas outras sentiram), mesmo que eu nada tenha cometido, mesmo que tenha as mãos limpas.

Como, entretanto, lembram-se de mim? Mãe de Deus, Senhora Excelsa, Dama Misericordiosa, Virgem Compadecida. E quanto ao meu filho? Já se esqueceram de que ele era um criminoso para a lei dos homens? Esqueceram-se de seu padecimento? Esqueceram-se que fora apenado? Talvez por isso muitos sejam os juízes, embora poucos sejam os justos. Quantos deles abandonaram a justiça e tornaram-se meros algozes? Quantos são os que servem o vazio? Seu exemplo já não orienta, e a mensagem que portava já não interessa mais aos homens.

De todas as dores que compõem meu próprio calvário particular, assumo que as do parto foram as que menos me fizeram mal. Em contrapartida, ainda sinto reverberar em mim o sofrer infligido pelo juízo dos homens, dor que machuca as profundezas do

---

\* Graduando do curso de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Técnico Agrícola pela UFRN. Extensionista do Programa Motyrum de Educação Popular em Direitos Humanos.

espírito sem causar dano à carne. Quantas... Quantas além de mim padeceram? E quantas padecerão ainda? Quantas, como eu, serão condenadas pelo que não cometeram? Quantas, como eu, serão condenadas à pena de morte, e executadas pouco em pouco, pedaço em pedaço?

Poucos são os que me veem como o que fui, e poucos são os que se lembram de minha história como deveriam lembrar. Mas eu... Eu me lembro. E jamais me deixarei esquecer. A impressão de meu sofrimento marca meu espírito, e pelo sofrimento tornei-me o que sou: igual a tantas outras.

Erros existem, como desvios há nos caminhos. Mas erros não legitimam erros. Acaso a vingança já fora realmente justa?

Tenho muitos retratos: uns em papel, uns em cartão, uns em plástico, uns impressos, outros tantos desenhados. A maioria é pouco exata, embora isso não os macule em seu sentido. Desses retratos, entretanto, os que mais visito são aqueles nas mais profanas paredes, vizinhos de muitos outros retratos de tantas outras damas com tantas outras vestes. Por esses retratos, posso acompanhar a sina daqueles que tiveram um destino tão similar ao de meu filho. Todos eles mártires silenciosos oferecidos em holocausto para aplacar a ira de um mal inominado, por cima de altares de tijolos, argamassa e grades de ferro.

Todos filhos de tantas outras Marias, embora muitas nem sequer tenham esse nome. São, entretanto, dolorosas. Dolorosas como eu. Marias inominadas, Madres Dolorosas incontáveis que, dia à dia, calvário a calvário, se perpetuam na esperança da mudança, na esperança de que seu purgatório telúrico tenha um fim. Esperamos (eu, como mãe, espero também) pelo Paraíso prometido, o Paraíso Libertário que se assoma tão desejável e distante. Até lá, cada mãe, cada Mater Dolorosa, cada Maria, deverá suportar, sozinha, o azedume de permanecer de pé à sombra de seu calvário particular.